

QUEBRANDO PRECONCEITOS, CONSTRUINDO RESPEITO:

LUTA E RESISTÊNCIA DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL





Fotografia: Acervo Programa COMIN-FLD

Capa: Eduardo Monteiro

Revisão: Francine Facchin Esteves

Projeto gráfico e diagramação: Cristina Pozzobon

O caderno da Semana dos Povos Indígenas é produzido anualmente pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), por meio do Programa COMIN, com o protagonismo de autoras e autores indígenas. Esta reimpressão é feita pelo projeto OPANÁ: Chão Indígena, parceria da FLD, por meio do Programa CAPA, com a Itaipu Binacional. A FLD tem como missão defender o direito à existência com vida boa de toda a diversidade.

Caso queira falar conosco, entre em contato pelo e-mail: fld@fld.com.br

Nos siga nas redes sociais: [@fld_act](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L973 Quebrando preconceitos, construindo respeito : luta e resistência dos povos indígenas no Brasil / [Ana Roberta Uglô Patté ... [et al.], organização]. - Porto Alegre : Conselho de Missão entre Povos Indígenas : Fundação Luterana de Diaconia, 2019.

40 p. : il. ; 15cmx21 cm.

ISBN 978-85-93033-03-2

1. Indígenas - Brasil. 2. Indígenas - Preconceito. I. Patté, Ana Roberta Uglô.

CDU 316.647.8(=1.81-82)

CDD 306.089981

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo - CRB 8/10213)

Organização
Ana Roberta Uglô Patté
Kassiane Schwingel
Marcos Vesolosquzi
Pamela Hingred de Souza Freitas Apurinã
Rodrigo Mariano



QUEBRANDO PRECONCEITOS,
CONSTRUINDO RESPEITO:
LUTA E
RESISTÊNCIA DOS
POVOS INDÍGENAS
NO BRASIL



AVÓ E NETO KAINGANG



A PALAVRA INVISÍVEL

Preconceito é uma palavra inexistente nos idiomas indígenas, embora esses povos vivam cercados por ele. O COMIN, que há 20 anos elabora o material da semana dos povos indígenas junto com povos e pessoas indígenas, reconhece a urgente necessidade de diminuir o preconceito. Isso nos leva à difícil tarefa de refletir sobre nossos próprios pensamentos e ações. Quantas vezes nos percebemos preconceituosos e preconceituosas, julgando pessoas ou situações sem conhecê-las com profundidade? Então, inicialmente é preciso compreender que preconceito é qualquer opinião ou sentimento baseado em pré-julgamentos, em generalizações e sem exame crítico. Ele é resultado da ignorância das pessoas que se prendem a ideias próprias, desprezando outros pontos de vista. Na maioria dos casos, as atitudes preconceituosas podem ser manifestadas com raiva e hostilidade, desprezando qualquer outra ideia que ultrapasse a realidade considerada “normal”. De vez em quando, é quase invisível, assumindo uma forma piedosa e assistencialista, incapaz de reconhecer o direito das comunidades a decidirem seu próprio destino.

Para a elaboração dos textos que seguem, trabalhamos com uma equipe formada por quatro jovens universitários e universitárias: Ana, do povo Laklãnõ/Xokleng, Terra Indígena Laklãnõ SC; Marcos, do povo Kaingang, Terra Indígena Morro Santana RS; Pamela, do povo Apurinã, família na aldeia Camicuã da Terra Indígena Camicuã AC; Rodrigo, do povo M'bya Guarani, Terra Indígena Guarita RS.

Além de buscarem explicar através do processo histórico como os preconceitos foram sendo construídos, os indígenas e as indígenas encontram neste material espaço para falar de suas experiências frente ao preconceito. Então, convidamos a todos e a todas a refletirem sobre os preconceitos que a sociedade tem em relação aos povos indígenas, tendo nesse material um subsídio para desconstruírem os equívocos e estereótipos. Esperamos que esta reflexão resulte em atitudes mais empáticas e solidárias.





PRECONCEITO É DESCONHECIMENTO

Consideramos que os preconceitos surgem, principalmente, a partir do desconhecimento de algo. Quando se pensa sobre o preconceito em relação aos povos indígenas, é possível perceber que a maioria das pessoas não conhece a realidade indígena atual, nunca esteve em uma comunidade indígena e nem mesmo conversou com pessoas indígenas. Esse distanciamento faz com que somente se imagine quem são esses coletivos, baseando-se muitas vezes em ideias trabalhadas nas escolas e amplamente divulgadas pelas diferentes mídias.

Por exemplo, estudantes indígenas sofrem preconceito, principalmente por não estarem encaixados ou encaixadas nas características “padrão” de indígena, ou seja, não são compatíveis com o “índio” que é apresentado durante a educação escolar e até mesmo familiar: “Na aldeia vocês ainda andam peladas? Estão se adaptando bem com a alimentação e roupas aqui?”. Questionamentos desse tipo são comuns para indígenas que estão frequentando os espaços das universidades e são formas de preconceito, como dito acima, ideias formadas anteriormente a uma análise verdadeira. Atualmente, nas comunidades indígenas, as pessoas usam roupas, têm celulares, televisão, enfim, acesso às mesmas coisas que as pessoas não indígenas têm de ter ou fazer, tudo o que quiserem e puderem.

É preciso reconhecer que a própria escola traz uma versão da história, contada e escrita do ponto de vista dos colonizadores europeus. É preciso reconhecer que não existe uma história única e definitiva a respeito do Brasil, mas que os diferentes pontos de vista podem ajudar a construir a noção de quem verdadeiramente somos, inclusive a história contada pelos povos indígenas. O preconceito começa quando a própria história dos povos indígenas não pode ser contada por eles mesmos!

Neste caderno, queremos apresentar alguns dos preconceitos mais prevalentes e presentes na sociedade brasileira. Este material não contempla todas as realidades históricas dos povos indígenas do Brasil, mas tenta fazer um apanhado geral sobre a trajetória de preconceitos em relação aos povos indígenas e suas lutas para a superação. Nas páginas seguintes, abordamos estes preconceitos e desmascaramos eles como tais desde a narrativa da história atual contada pelos indígenas.

**VOCÊ JÁ PENSOU SOBRE
QUAL HISTÓRIA SE
APRENDE NA ESCOLA?
QUEM CONTOU?
QUEM ESCREVEU?**

"MUITA TERRA PRA POUCO ÍNDIO?"

Um dos preconceitos mais repetidos em relação aos povos indígenas tem a ver com o território, seu uso e sua extensão. Para entender por que "não é muita terra para pouco índio", é preciso primeiro compreender o que os povos indígenas entendem como território.

O território, para os povos indígenas, é tido como sagrado e inseparável, pois a noção de território é diferente da noção dos colonizadores europeus ou da cultura ocidental. Enquanto para os povos indígenas o território é fonte e base da reprodução da vida coletiva, social e cultural, na qual sem ele nada é possível ou existe para a maioria dos não indígenas, a terra é fonte de riqueza e obtenção de lucro individual, não se importando com os impactos ambientais e consequências que isso traz. Enquanto as pessoas indígenas tentam preservar as matas, florestas, a terra, as águas, o que predomina no senso comum da sociedade não indígena é a busca pela produção de lucro, não levando em consideração a importância da natureza e a necessidade de cuidado para com ela.

Antes da chegada dos invasores, no ano de 1500, milhares de povos indígenas que viviam no território que hoje chamamos de Brasil, tinham seus espaços de vida e reprodução cultural assegurados. Havia povos coletores, caçadores e pescadores que se deslocavam em vastas extensões territoriais em busca das condições necessárias para sobreviver, e havia também povos agricultores, que plantavam e pas-



savam a produzir seu próprio alimento. De qualquer forma, o território sempre foi visto como um espaço que garante a vida do povo e que dá as coisas conforme a necessidade. Nenhum povo indígena coletava ou plantava mais do que o necessário para alimentar-se, o que representava um equilíbrio natural com o território e a natureza.

Com a invasão, deu-se início ao violento processo de colonização dos europeus sobre territórios e comunidades indígenas, que se desenvolveu através da escravização e do assassinato de milhões de indígenas. A expulsão e o massacre praticados contra as comunidades indígenas tinham como uma das finalidades a escravização de indígenas e a apropriação de territórios e riquezas que estavam nessas áreas. No período colonial, o grande interesse dos invasores era explorar as riquezas que existiam no território; depois, com a colonização, o interesse se volta também para o território em si. Ou seja, todo esse espaço era dos povos indígenas e foi por causa do processo de invasão e expulsão que ele deixou de lhes pertencer.



JOVENS GUARANI M'BYA





Após terem seus territórios invadidos pelos colonizadores, as pessoas indígenas sobreviventes foram confinadas e transferidas para pequenas áreas de terras, ou seja, comunidades indígenas inteiras eram colocadas em espaços reduzidos juntamente com outros povos, onde eram controladas pela Coroa Portuguesa, que visava à exploração de indígenas. Em alguns casos, a igreja exercia o controle e a tutela de indígenas, cuja finalidade era buscar a catequização. Esses espaços são chamados de aldeamentos.

É importante compreender que o conceito e a noção de aldeia criados pelos colonizadores tinham como ideia central impor limites territoriais, para que os povos indígenas não “atrapalhassem” sua expansão e exploração do território. Aldeias não eram parte do modo de ser dos povos indígenas, que sempre circularam por grandes espaços, com ampla mobilidade e sem fronteiras como as que conhecemos hoje. Porém, também é preciso compreender que, em alguns momentos e contextos, a aceitação do aldeamento pode ter sido uma estratégia de sobrevivência para os povos indígenas. Mais tarde, já em governos republicanos, os aldeamentos foram políticas de governos, como forma de apaziguar conflitos territoriais com não indígenas, porém continuava sendo uma forma de restringir a ocupação indígena para somente àqueles espaços.

Após serem expulsos e retirados dos seus territórios e confinados em áreas de aldeamentos e outras formas de confinamentos, os povos indígenas iniciaram o processo de luta pela retomada de seus territórios tradicionais. Tais espaços lhes foram tirados, mas através de muita luta e à custa de milhares de vidas indígenas, seguem firmes no sentido de terem seus espaços minimamente adequados e propícios para viver de acordo com seus usos e costumes culturais. A luta pela retomada dá-se em razão de o



território ser a base ancestral e espiritual para se ter um espaço para o exercício do “bem viver”, na qual o território é a base da vida social e cultural de gerações passadas, presentes e futuras que lutaram, lutam e morrem no processo de resistência e luta pela retomada. Também é a partir dos territórios demarcados que se pode buscar outras políticas públicas, de saúde, de educação, entre outras.

“Nos tiraram tudo o que tínhamos e ainda continuam nos matando, como se não fôssemos seres humanos. O território em que estamos é nosso e não vamos desistir dele, pois ele é a fonte de nossa vida espiritual e física, a qual os não indígenas não compreendem. A luta pelo território é nossa principal luta, pois sem ele não conseguimos viver de forma plena a nossa cultura. Mas hoje somos mortos dentro de nossos territórios, e onde morre um nascem outros guerreiros para dar continuidade à luta. Nosso papel é trilhar um caminho para que nossos filhos e netos possam dar continuidade à luta dos povos indígenas, pois essa é uma das maiores contribuições de nós velhos para nossos jovens” (Tereza Lopes, Anciã Kaingang).

A DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS É GARANTIDA PELA CONSTITUIÇÃO, NO ARTIGO: ART 231 – SÃO RECONHECIDOS AOS ÍNDIOS SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL, COSTUMES, LÍNGUAS, CRENÇAS E TRADIÇÕES, E OS DIREITOS ORIGINÁRIOS SOBRE AS TERRAS QUE TRADICIONALMENTE OCUPAM, COMPETINDO À UNIÃO DEMARCÁ-LAS, PROTEGER E FAZER RESPEITAR TODOS OS SEUS BENS.



“O PROCESSO HISTÓRICO TORNOU NÓS, POVOS INDÍGENAS, INVASORES DO NOSSO TERRITÓRIO E TORNOU O INVASOR OCIDENTAL O PROPRIETÁRIO. REALMENTE, A LÓGICA FOI INVERTIDA!” MARCOS KAINGANG



"ÍNDIO É PREGUIÇOSO?"

Muitas vezes, as pessoas indígenas são chamadas de preguiçosas; alega-se que elas não trabalham. Até mesmo termos mais pejorativos são usados, sempre no intuito de afirmar que os povos indígenas não contribuem para o desenvolvimento e a economia. Já durante o processo histórico de nosso país, os povos indígenas eram vistos como obstáculo que deveria ser eliminado, a não ser que pudessem ser usados como escravos ou mão de obra.

A noção de trabalho trazida pelos invasores estava diretamente ligada à exploração do território e da natureza, alegando que as pessoas indígenas não faziam uso adequado

dos espaços, por não torná-los produtivos e geradores de lucro. Os povos indígenas entendiam o trabalho como a sobrevivência em seus territórios e não havia necessidade de acumular riquezas, pois a lógica de vida era baseada em atender as suas necessidades imediatas e, caso necessário, fazer trocas. Já para os colonizadores, o trabalho servia como forma de acumular riquezas para garantir o maior tempo possível de segurança e estabilidade e lucrar com a venda dos frutos de seu trabalho. Nesse sentido, com o confronto de duas lógicas tão diferentes, o preconceito em relação aos povos indígenas e suas lógicas de subsistência se fortaleceu muito.



Atualmente, muitas pessoas indígenas estão inseridas no mercado de trabalho formal e muitas outras sobrevivem de roçados e/ou produção de artesanato. É importante entender que o artesanato, na maioria dos povos, era produzido com a finalidade de uso prático, no dia a dia da comunidade. Porém, com o passar do tempo e a necessidade de sobreviver na sociedade atual, o artesanato passou a ser vendido e ser fonte de subsistência, pois não é mais possível sobreviver da coleta ou da pesca. O não reconhecimento da produção artesanal como um trabalho também reforça este preconceito de que as pessoas indígenas são preguiçosas. Não se percebe todo o esforço que envolve coletar a matéria-prima, preparar esse material, produzir o artesanato e vendê-lo.

A NOÇÃO DE TRABALHO TRAZIDA PELOS INVASORES ESTAVA DIRETAMENTE LIGADA À EXPLORAÇÃO DO TERRITÓRIO E DA NATUREZA. ATUALMENTE, MUITAS PESSOAS INDÍGENAS ESTÃO INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL E MUITAS OUTRAS SOBREVIVEM DA PEQUENA AGRICULTURA E/OU DA PRODUÇÃO DE ARTESANATO.



MULHERES DO POVO ARARA.

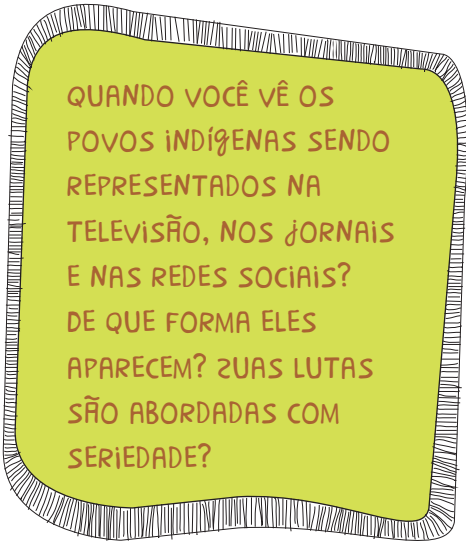


"ÍNDIOS SÃO DO PASSADO?"

Nas escolas, em geral, costuma-se associar a temática de povos indígenas com a disciplina de história, revelando outro preconceito bastante presente na atualidade: a ideia de que os povos indígenas são parte apenas do passado e que hoje não há mais indígenas. Há duas explicações sobre o porquê desse preconceito ainda existir: uma refere-se ao fato de que ocorreu um verdadeiro genocídio de povos indígenas, fazendo acreditar que hoje já praticamente não existem mais; outra é a invisibilidade existente para com os povos indígenas, que, muitas vezes, estão presentes em diferentes espaços do dia a dia da sociedade e mesmo assim não são reconhecidos como tal.

O processo de genocídio dos povos indígenas, de fato, sempre aconteceu livremente, sendo permitido ou incentivado pelos colonizadores, com a Coroa Portuguesa autorizando que indígenas fossem mortos e escravizados caso resistissem aos avanços e às imposições coloniais. A resistência indígena foi forte e intensa, tanto é que milhões de indígenas acabaram por ser exterminados, por negar-se a ceder seus territórios e sujeitar-se às decisões dos invasores.

Após o desembarque dos colonizadores, “desembarcaram” também diversas doenças e enfermidades até então jamais vistas e conhecidas pelos povos indígenas. Nos primeiros contatos entre indígenas e colonizadores, ocorreram de forma avassaladora o contágio e a transmissão de doenças por parte dos que aqui chegaram, que acabaram por contaminar indígenas com enfermidades como a gripe, a malária, a varíola e diversas outras, contra as quais as pessoas indígenas não tinham proteção ou imunidade. Em muitos casos, essas doenças também foram utilizadas pelos invasores como meio de expandir seus avanços coloniais, já que enfrentavam resistências cada vez mais intensas de indígenas. Propositadamente infectavam com doenças comunidades indígenas inteiras que resistissem ao processo de colonização. Como consequência, essas comunidades acabavam por vir



QUANDO VOCÊ VÊ OS
POVOS INDÍGENAS SENDO
REPRESENTADOS NA
TELEVISÃO, NOS JORNAIS
E NAS REDES SOCIAIS?
DE QUE FORMA ELES
APARECEM? SUAS LUTAS
SÃO ABORDADAS COM
SÉRIEDADE?



MÃE E FILHA KAIÑGANG

a adoecer e a falecer, por não terem meios de prevenção, tratamento e cura eficazes contra tais enfermidades.

Com esse processo de escravização, assassinatos e doenças fatais, o número de pessoas indígenas vivendo neste grande território teve uma drástica redução. De cerca de 4 a 5 milhões de indígenas que viviam aqui antes da invasão, hoje se estima uma população indígena no Brasil de cerca de 890 mil pessoas. Dos mais de mil povos que viviam neste território, hoje temos ainda em torno de 305 diferentes povos indígenas, falando cerca de 200 idiomas diferentes. Ou seja, embora tenha existido um processo sistemático de perseguição e genocídio para com os povos indígenas, temos hoje mais de 300 povos que resistiram e têm conseguido aumentar sua população. São quase 1 milhão de pessoas que estão presentes em todos os estados brasileiros e constituem parte importante do país (IBGE, Censo 2010).

A dificuldade que existe para que as pessoas reconheçam a presença indígena na atualidade está ligada à invisibilidade. Embora os povos indígenas estejam presentes nas ruas das cidades, em espaços de discussão de políticas, em escolas e universidades, poucas vezes sua presença é percebida ou valorizada.



HOJE O GENOCÍDIO CONTINUA ACONTECENDO E SE DÁ POR MEIO DE VÁRIOS MECANISMOS, COMO A CRIAÇÃO DE LEIS QUE ATACAM E RETIRAM DIREITOS JÁ CONQUISTADOS. ALGUNS EXEMPLOS: O PROJETO DE EMENDA CONSTITUCIONAL 215, QUE VISA A RETIRADA DA COMPETÊNCIA DE DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS DO PODER EXECUTIVO PARA O PODER LEGISLATIVO, PODER ESTE COMPOSTO MAJORITARIAMENTE PELA BANCADA RURALISTA, CUJOS INTERESSES SÃO ANTI-INDÍGENAS; O PARECER 001/2017 DA ADVOCACIA GERAL DA UNIÃO CUJO TEXTO DIZ QUE "OS POVOS INDÍGENAS SÓ TÊM DIREITO AOS SEUS TERRITÓRIOS TRADICIONALMENTE OCUPADOS CASO ESTIVÉSSEM NA POSSE DO TERRITÓRIO OU LITIGANDO PELO MESMO NO PODER JUDICIÁRIO NA DATA DE 05 DE OUTUBRO 1988". ESSA TESE POLÍTICA DESCONSIDERA O PROCESSO DE EXPULSÃO E RETIRADA À FORÇA DOS POVOS INDÍGENAS DOS SEUS TERRITÓRIOS. NEGAR AOS POVOS INDÍGENAS SEUS TERRITÓRIOS É NEGAR A ELES A POSSIBILIDADE DE SOBREVIVÊNCIA.

"SÃO TODOS IGUAIS?"

"Índio" surge de um erro histórico, quando os espanhóis e os portugueses que aqui chegaram imaginavam estar chegando à Ásia, na região da Índia, onde buscavam especiarias. Começaram, então, a chamar as pessoas que aqui estavam de "índios" e mantiveram esse termo mesmo depois de terem percebido que aqui era outro território.

O termo "índio" traz na sua essência, além desse grande equívoco, uma carga enorme de preconceito em relação aos povos indígenas do Brasil, tendo em vista que é um termo que generaliza uma imensidão de culturas, crenças, línguas, cada qual com suas especificidades. Por generalizar, como se todas as pessoas que aqui estavam eram de um mesmo povo, o termo "índio" não abrange todos os povos indígenas – em torno de 300 – existentes no Brasil. Como definir em uma única palavra a existência de Guarani, Kaingang, Xokleng, Apurinã, Xakriabá, Pankararu, e mais outros trezentos povos existentes no Brasil?

Embora cada povo goste de ser chamado por seu nome, sabe-se que há um profundo desconhecimento sobre esses povos no Brasil. Como forma de, pelo menos, dar conta da multiplicidade existente, opta-se pelo uso do termo "povos indígenas", para que sempre seja lembrado que são distintos, com grande variedade cultural, que não são da Índia, mas são os povos que viviam neste continente.

Antes dos colonizadores, alguns povos indígenas tinham dois nomes: como se autodenominavam e como eram nomeados por outros indígenas. Por isso, hoje muitos povos indígenas têm dois nomes, como Tikuna que é Maguta, Apurinã que é Popygary, Kaxinawa que é Hunikui, Kulina que é Madija, etc.



JOVENS LAKLĀNŌ XOKLENG E JOVEM HUNİ KUIN

Tudo isso é um contínuo movimento de construção de identidade. Talvez, daqui a alguns anos, as nomenclaturas mudem novamente, mas a base da identidade étnica será a mesma. As indígenas e os indígenas de hoje têm orgulho de ser portadores de culturas ancestrais, de ser originários deste país e lutam para que isso seja reconhecido.

Talvez o que mais influencie as pessoas a pensar que “indígenas são todos iguais” seja o fato de ainda existir um estereótipo indígena construído no imaginário comum. Muitas pessoas imaginam que para ser indígena é preciso ter determinadas características físicas ou viver de um mesmo modo. Para compreender melhor isso, temos o relato da indígena Pamela, do povo Apurinã:

“Eu me chamo Pamela, mas também nasci Xanupa, nome que ganhei em Popykary (Apurinã). Nasci na cidade de Rio Branco, no Acre, tenho sangue indígena dos dois lados da família, materna e paterna, só que minha referência indígena vem diretamente da minha família materna. Minha mãe veio adolescente para Rio Branco, ela que era natural de Boca do Acre, no Amazonas; acabou vindo para cá estudar e trabalhar; aqui ela conheceu meu pai e por isso nasci na cidade. Quando criança não me identificava como Apurinã. Primeiro, porque não me via no padrão que fui educada a acreditar através dos livros didáticos e comentários das pessoas. Aí está um exemplo de como os indígenas são re-



PAMELA, DO POVO APURINÃ



presentados de forma estereotipada nos mais diversos materiais. Segundo, porque sentia vergonha do que era ensinada a acreditar, coisas do tipo: 'índio é preguiçoso', 'índio fede!', 'índio rouba!', 'índio come gente!'. Na escola, os índios que via nos livros não correspondiam à minha imagem e nem à de minha família. Não estávamos enfeitados, nus, cabelos extremamente lisos, etc.

No meio social, quando se falava de índios, era sempre de forma preconceituosa ou caricata. Por esse motivo, eu apagava cada vez mais minha identificação como indígena. Na vida adulta, fui questionando o que tinha aprendido e, nesse momento, fui me libertando dos preconceitos que havia dentro de mim sobre a minha própria identidade. Não existe uma 'cara' para nós, povos indígenas, mas existe sim uma diversidade cultural,

gastronômica, espiritual,

linguística, de tecelagens e de cerâmicas.

Isso não é de se orgulhar? Por isso o processo de recuperação do orgulho por ser indígena é importante, a valorização da cultura e consequentemente da autoestima é ensinada desde cedo. É preciso entender que ninguém é menos ou mais Apurinã, e que cada um tem sua particularidade."

UM INDÍGENA NÃO PRECISA TER DETERMINADAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS, COMO CABELO PRETO E LISO E OLHOS PUXADOS. A MISCIGENAÇÃO – OCORRIDA DE FORMA SISTEMÁTICA HÁ MUITOS ANOS NO BRASIL – ALTEROU AS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DOS INDIVÍDUOS. O FATOR DETERMINANTE É A VINCULAÇÃO DESSAS PESSOAS À CULTURA DOS POVOS ORIGINAIS.

"ÍNDIO É INCAPAZ?"

Em nossa sociedade, ainda é prática comum reconhecer uma cultura como mais ou menos evoluída, sem compreender que não há uma lógica comum entre as diferentes culturas. Isso acontece com as culturas indígenas, que ainda são vistas como inferiores em relação à cultura dominante ocidental, fazendo com que as pessoas indígenas também sejam vistas como inferiores e incapazes.

AS PESSOAS INDÍGENAS NEM
ERAM CONSIDERADAS GENTE
QUANDO OS COLONIZADORES
CHEGARAM NO BRASIL.
POSTERIORMENTE, FOI
RECONHECIDA SUA CONDIÇÃO
HUMANA, MAS CONTINUARAM
SENDO CONSIDERADAS
INFERIORES.

Novamente, é preciso entender que o processo histórico de contato com os povos indígenas logo caminhou nesse sentido, tendo um reforço da igreja da época. No início da invasão e colonização, a igreja e os padres jesuítas consideraram as pessoas indígenas como sendo pecadoras, havendo a necessidade de serem convertidas pela igreja, e caso se negassem à conversão, poderiam ser mortas. Essa interpretação acontecia, pois a igreja entendia que pessoas indígenas que andavam nuas e praticavam cantos, danças e adoração a deuses e espíritos, distintos do deus dos colonizadores europeus, precisavam ser convertidas para que fossem salvas. Assim, muitas delas tinham suas vidas poupadas

NA MAIORIA DOS MATERIAIS PARA O PÚBLICO INFANTIL OS/AS INDÍGENAS APARECEM SEMPRE COM AS MESMAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS BASEADAS EM UM ESTEREÓTIPO CONSTRUÍDO POR NÃO INDÍGENAS, NÃO LEVANDO EM CONTA A DIVERSIDADE.



OS BRANCOS SEMPRE TÊM TIDO PRÉCONCEITO COM NÓS, POR NOS CONSIDERAR FEIOS, OU POR NOSSA PELE SER ESCURA. E ISSO ACABA LEVANDO MUITAS VEZES AO ÓDIO PELOS MBYA.

DEVEMOS PARAR DE FALAR UNS DOS OUTROS, SÓ POR SEREM DIFERENTES, ISSO NÃO É DE UMA MENTALIDADE BOA.

caso aceitassem ser catequizadas e convertidas ao cristianismo pelos padres jesuítas. Isso fez com que em muitos casos se submetessem à catequização ao invés de serem mortas.

Depois dessa etapa em que as pessoas indígenas nem eram consideradas gente, houve outra em que se reconheceu sua condição humana, mas sempre definindo-as como sendo inferiores. Com isso, desencadeou-se um processo de integração das pessoas indígenas à sociedade não indígena, buscando forçar o abandono de seu modo de ser e a adoção da cultura não indígena. Foi um momento de muita resistência dos povos indígenas, através de fugas e também com estratégias de manutenção de sua cultura sem que os dominadores percebessem.



JOVENS LAKLĀNŌ XOKLEŊ





Essa visão da pessoa indígena como sendo incapaz fica ainda mais nítida quando se pensa em autonomia. Até o ano de 1988, com a promulgação da Constituição Cidadã, ela não era considerada plenamente capaz, inclusive perante a lei, sendo comparada a uma criança. Somente com a Constituição reconheceu-se a plena capacidade da pessoa indígena, não precisando mais da intermediação de agentes da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), o que acontecia até mesmo para poderem sair dos aldeamentos.

Hoje, sabe-se que a sociedade não indígena tem muito que aprender com estes povos que resistem há 519 anos a ataques sistemáticos. Há muita sabedoria na forma como os povos indígenas se relacionam com os territórios e com a natureza, há muito saber medicinal, há muita inteligência matemática, enfim, muitos saberes transmitidos pela oralidade e pelas experiências práticas que são de extremo valor para qualquer sociedade. Porém, fazer com que a sociedade não indígena reconheça esses saberes, valorizando-os e não tomando-os em benefício próprio, ainda é um grande desafio.

Outro desafio importante para superar esse preconceito que vê os povos indígenas como inferiores é a autoestima e confiança dos próprios povos indígenas, que vêm de uma caminhada de muitos anos sendo inferiorizados. Nesse caso, observa-se nas crianças indígenas que elas são muito bem resolvidas, mas os julgamentos surgem a partir de um confronto específico com uma cultura diferente da sua ou com outro povo. Por isso, uma educação em casa ou na comunidade é muito importante para que essa criança consiga reagir de forma positiva quando sua cultura ou seu modo de ser for questionado.



MULHERES E CRIANÇAS APURINÃ

Quando as crianças passam a frequentar a escola, elas normalmente iniciam em escolas indígenas, dentro das próprias comunidades. Vanderlei Apurinã, professor na aldeia Camicuã, do povo Apurinã, conta que procura sempre conversar com as crianças sobre essas diferenças e procura ensinar seus alunos e suas alunas a se prepararem para que quando forem prosseguir seus estudos na cidade, possam lidar com os desafios que encontrarão, especialmente em relação ao preconceito por serem indígenas e para que não se sintam menos capazes que as demais pessoas.



"LUGAR DE ÍNDIO É NA ALDEIA?"

Assim como se criou um estereótipo indígena em que para ser indígena é preciso ser pardo, ter cabelo preto e liso, olhos puxados, também se criou no imaginário nacional a ideia de que há um lugar específico para as pessoas indígenas: a aldeia. O problema é que a própria noção de aldeia não faz sentido para os povos indígenas, que não viviam aldeados, mas sim se deslocando em seu território. Além disso, nos tempos atuais, a sociedade não indígena vem cada vez mais avançando sobre os territórios indígenas. Fica então a pergunta: qual é o lugar dos povos indígenas?

Assim como acontece com os demais povos e culturas que existem no Brasil, os povos indígenas não querem estar restritos a determinados lugares e espaços. Às vezes, essa ocupação dos mais diversos espaços é uma opção do povo e, outras vezes, é uma necessidade. Para exemplificar, temos a situação do espaço universitário...

O ingresso de estudantes indígenas nas universidades tem aumentado a cada ano: desde a abertura de ações afirmativas para indígenas, o egresso também tem elevado em números. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o número de indígenas matriculados no ensino superior cresceu 255% entre os anos de 2010 e 2016.

Para além do ingresso nas universidades, outro desafio é a permanência de estudantes indígenas. Essa ainda não é uma política de Estado, mas somente uma política de governos ou iniciativas das próprias universidades. Por isso, muitos e muitas estudantes indígenas acabam desistindo de seus cursos superiores. Já os e as estudantes que conse-



ANA, POVO LAKLÃNÕ/XOKLENÇ



RODRIGO, POVO GUARANI M'BYA

ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES INDÍGENAS, SUL DO BRASIL





quem permanecer enfrentam vários desafios, como: ter sua identidade questionada por parte da comunidade acadêmica e ter de enfrentar a estrutura acadêmica com base ocidental que não reconhece, não valoriza e não abre espaço para outros saberes, práticas e tempos. A universidade está baseada em uma lógica eurocêntrica, individualista e capitalista, confrontando-se diretamente com as lógicas indígenas que são baseadas em coletividades e na reciprocidade.

“O motivo pelo qual estou na universidade é bem simples, mas muito diferente dos motivos que levam outras pessoas a buscarem este lugar. Para além da necessidade de formação, minha presença significa que o povo Guarani está aqui. As necessidades e realidades do meu povo chegaram junto comigo na universidade. Busco um futuro melhor para mim e meu povo, mas também para trazer a realidade indígena para o mundo acadêmico. A universidade é um espaço indígena, assim como todos os outros espaços públicos” (Rodrigo Mariano, do povo Guarani M’bya).

Os povos indígenas, estando no processo de ocupar os mais variados espaços da sociedade, mostram que não há um lugar específico destinado para si, mas que querem autonomia e protagonismo para estar onde percebam ser espaços importantes para suas construções, mesmo que estar em determinados espaços seja enfrentar cotidianamente os mais variados preconceitos. Leia o relato da universitária Ana, do povo Xokleng, sobre ser mulher indígena na universidade:

“Quando tratamos de violência sofrida por essas mulheres, não falamos só de violência física; a violência psicológica tem sido um dos grandes problemas dentro da universidade. Pois, quando se fala em ingresso, temos a obrigação de pensar na permanência; porém, em relação a essa permanência de que pouco tem se falado e feito, foi pensada

só para meninos, homens ou meninas sem filhos. O contexto de realidade dos povos indígenas sempre foi diferente da realidade dos não indígenas. Para muitos povos, é cultural meninas casarem e terem fi-

lhos cedo, pois acreditam que a divindade e esperança vêm das crianças indígenas. Portanto, ao adentrarem na universidade, estão despreparadas para enfrentar esse sistema capitalista, europeu e elitista. Ao entrar nos deparamos com a não acessibilidade da universidade para receber essas diferenças culturais; somos barrados com nossos filhos no Restaurante Universitário, não temos acesso à casa do estudante universitário, onde a moradia de crianças é proibida, não temos fácil acesso à creche 'disponibilizada' para filhos de professores e alunos, o auxílio creche não é garantido a partir do momento do ingresso. Esses e vários outros fatores fazem com que mães indígenas desanimem, enfrentem problemas psicológicos ou até mesmo desistam dos seus cursos, pois não têm a garantia de permanência para si e para seus filhos. As mulheres indígenas em um contexto geral têm sofrido esses e outros tipos de agressões, assédio moral e físico. Em uma universidade que se diz para intelectuais, mulheres indígenas sofrem assédio moral e sexual nas redes sociais e, às vezes, pessoalmente. Temos visto isso acontecer desde o momento da nossa entrada na universidade: universitários, ditos 'brancos intelectuais', nos minimizam por sermos indígenas, mães, e por termos o objetivo de estar dentro de uma universidade" (Ana Patte, povo Laklãñ/Xokleng).

AO OCUPAR OS MAIS VARIADOS ESPAÇOS NA SOCIEDADE, OS POVOS INDÍGENAS PROVAM QUE NÃO HÁ UM LUGAR ESPECÍFICO PARA ELES, QUE LUTAM POR AUTONOMIA, PROTAGONISMO E VALORIZAÇÃO DA SUA CULTURA.

"BRASILEIRO NÃO É ÍNDIO?"

Este preconceito talvez seja uma explicação de por que são tão fortes os demais preconceitos em relação aos povos indígenas. A maioria da população brasileira, não reconhece a raiz indígena, as heranças indígenas e a presença indígena na atualidade.

A formação social brasileira tem como base cultural os povos indígenas, pois grande parte das nossas línguas, da alimentação, dos hábitos e costumes vêm dos povos indígenas. No entanto, grande parte da sociedade não indígena não reconhece essa contribuição. Essa invisibilidade indígena começa a ganhar força a partir do momento em que se cria uma ideia de que os/as indígenas deveriam se tornar "civilizados/as". Nesse contexto, começa a se disseminar uma cultura de apagamento ou de negação da existência desses povos em nosso país, nas culturas brasileiras e nas próprias pessoas.

Tornar os povos indígenas invisíveis tem sido uma das principais políticas do Estado Brasileiro; isso também se reflete nas políticas de governo.

OS INDÍGENAS NÃO APENAS SÃO
BRASILEIROS COMO SÃO OS MAIS
ANTIGOS E LEGÍTIMOS ENTRE TODOS
OS BRASILEIROS, POIS AQUI JÁ
ESTAVAM QUANDO CHEGARAM OS
COLONIZADORES. PENSE NAS HERANÇAS
INDÍGENAS QUE VOCÊ CARREGA,
NAS PALAVRAS DE ORIGEM INDÍGENA
PRESENTES NO SEU VOCABULÁRIO, DOS
ALIMENTOS INDÍGENAS DA SUA MESA.





KUJÃ KAINGANG (LÍDER ESPIRITUAL)



FACES DO PRECONCEITO, A LUTA NAS REDES

O preconceito pode se manifestar de forma bastante clara e direta, como em palavras, ações violentas ou agressões, mas também pode apresentar-se de maneira mais subjetiva com pensamentos, olhares ou ações em que as pessoas acreditam estar colaborando com os povos indígenas, mas na realidade estão desconsiderando seu modo de ser. Para os cidadãos e as cidadãs indígenas, o preconceito é vivência diária, especialmente para quem está em contato direto e pessoal com não indígenas.

Porém, com o processo de desenvolvimento da tecnologia, hoje o espaço virtual também é local importante de estar e ser. Nas redes sociais, o preconceito em relação aos povos indígenas tem sido constantemente mostrado, mas também é lá que ele tem sido enfrentado e denunciado. Ou seja, os diferentes espaços de manifestação do preconceito são também espaços de luta para contradizê-los e,

inclusive, buscar punição para as pessoas preconceituosas. Como exemplo, pensamos em aspectos positivos e negativos das redes sociais para os povos indígenas.

As redes sociais mostram que as limitações impostas pelo preconceito em relação aos povos indígenas não têm tido efeito. Indígena pode, sim, ter

INDÍGENA PODE, SIM, TER
INSTAGRAM, WHATSAPP, TWITTER,
FACEBOOK, ETC. AS REDES SOCIAIS
PROPORCIONAM MANIFESTAÇÕES
DE PRECONCEITOS, MAS TAMBÉM
ESPAÇOS DE LUTA PARA
CONTRADIZÊ-LOS E, INCLUSIVE,
BUSCAR PUNIÇÃO PARA AS
PESSOAS PRECONCEITUOSAS.



ATL 2018 PROJETO NO CONGRESSO O LEMA 'DEMARCAÇÃO JÁ' |
LABLUXZ / MOBILIZAÇÃO NACIONAL INDÍGENA

Instagram, WhatsApp, Twitter, Facebook, etc. A partir do acesso às tecnologias, os povos indígenas têm tido contato entre si conhecendo a diversidade de povos existentes no Brasil, fortalecendo assim a reafirmação étnica e cultural bem como as mobilizações e organizações em defesa de seus direitos.

Como podemos observar, as novas tecnologias e as redes sociais têm tido um papel muito importante nas grandes mobilizações dos povos indígenas em defesa dos seus direitos; mas há também o outro lado das redes sociais que tem tido grande impacto nas comunidades indígenas, uma vez que as redes sociais abrem um espaço muito amplo para que seja disseminado todo tipo de ódio e preconceito em relação aos povos indígenas.

"UMA DAS MOBILIZAÇÕES CONHECIDAS NACIONALMENTE É O ACAMPAMENTO TERRA LIVRE (ATL), NO QUAL INDÍGENAS DE TODO O BRASIL SE REÚNEM EM UM SÓ LUGAR PARA LUTAR PELOS NOSSOS DIREITOS. E É GRACAS ÀS REDES SOCIAIS QUE ISSO É POSSÍVEL, OU SEJA, O ALCANCE DAS MÍDIAS NAS COMUNIDADES INDÍGENAS TEM SIDO CADA VEZ MAIS FREQUENTE, E SE USADO EM PROL DA COMUNIDADE PODE AJUDAR A REALIZAR GRANDES MOVIMENTOS ASSIM COMO O ATL, QUE JUNTOU MAIS DE QUATRO MIL (4.000) PARENTES EM BRASÍLIA." (LUAN XAKRIABÁ, ESTUDANTE DE MEDICINA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA)

"PODEMOUS USAR AS REDES SOCIAIS PARA NOS COMUNICARMOS, NOS EXPRESSAR E MOSTRAR NOSSA CULTURA PRO MUNDO, QUE NÓS INDÍGENAS TAMBÉM FAZEMOS PARTE DA SOCIEDADE, ESTAMOS AQUI E EXISTIMOS AINDA. AS REDES SOCIAIS SE TORNARAM UMA DE NOSSAS ARMAS DE DEFESA TAMBÉM." (BRUNO BENITES OLIVEIRA, LÍDERANÇA GUARANI, ALDEIA YYAKÃ PORÃ)

"O ESPAÇO DAS REDES SOCIAIS TEM SE TORNADO UMA GRANDE ARMA PARA AS LÍDERANÇAS INDÍGENAS, PARA COMBATER OS RETROCESSOS, GARANTINDO UM DIÁLOGO COM MAIS VISIBILIDADE E ABRANGÊNCIA, TAMBÉM APOIADO POR MUITAS PESSOAS NÃO INDÍGENAS, MOSTRANDO A VERDADEIRA FACE E VOZ DO INDÍGENA BRASILEIRO." (JEMERSON LUAN FRANCO DA SILVA KAIOWÁ, JOVEM DA EDUCAÇÃO BÁSICA, ALDEIA AMAMBAI/MS).

COMO SUPERAR O PRECONCEITO

Para superar o preconceito em relação aos povos indígenas, é preciso refletir sobre as ideias preconcebidas e que são facilmente reproduzidas na sociedade, como a noção de que “índios” são todos iguais, que povos indígenas estão vinculados somente ao passado de nossa nação, que povos indígenas no presente estão aculturados e deixaram de ser indígenas ou até mesmo as ideias mais maldosas como “índio é preguiçoso” ou “índio não trabalha”.

Para além de refletir sobre esses preconceitos, é necessário que cada pessoa vigie suas atitudes e busque mudar suas posturas preconceituosas ou desrespeitosas. Este processo de transformação não é instantâneo e exige sempre que cada um questione seus próprios pensamentos e ações, além de posicionar-se frente a atitudes preconceituosas que presencie.

De forma prática, seguem algumas sugestões do que se pode fazer:

- **EVITAR** reproduzir pré-julgamentos;
- Buscar se informar e **CONHECER** a realidade indígena atual;
- **APROXIMAR-SE** de uma comunidade indígena e conhecer a realidade;
- **PESQUISAR** outras fontes históricas, que valorizem a história oral e a perspectiva indígena no processo histórico;
- **AVALIAR AS FONTES** de informações quando se trata da questão indígena;
- **RECONHECER** que a luta indígena traz benefícios a toda a sociedade, não somente aos povos indígenas, como no cuidado com a natureza.



O projeto OPANÁ: Chão Indígena é uma realização da Fundação Luterana de Diaconia (FLD) em parceria com a ITAIPU Binacional.

A iniciativa busca fortalecer os Sistemas Indígenas de Produção Agroecológica para ampliar a segurança alimentar em 32 comunidades Guarani do oeste e litoral do Paraná, além de promover o acesso à água, saneamento ecológico e o fortalecimento cultural.

Outro eixo central do projeto é a promoção da educação antirracista, através de atividades interculturais em escolas públicas, instituições de ensino superior e equipamentos de proteção social e atendimento à saúde, além da produção de materiais como este.

Essas ações buscam desconstruir estereótipos, combater preconceitos e ampliar o diálogo sobre a realidade indígena junto ao público não indígena.

A palavra OPANÁ é um neologismo, uma palavra criada a partir da derivação de "O Paraná". Completando o nome do projeto, as palavras "Chão Indígena" foram introduzidas para dizer que ele tem conexão com a terra, a agroecologia e o bem viver. Portanto, o nome do projeto é uma outra forma de dizer que "O Paraná é Território Indígena".



Acesse opana.fld.com.br

